

AULA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PLANEJAMENTO, POSSIBILIDADES E DISCUSSÕES

FIELD CLASS IN TEACHING GEOGRAPHY: PLANNING, POSSIBILITIES AND DISCUSSIONS

CLASE DE CAMPO EN ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA: PLANIFICACIÓN, POSIBILIDADES Y DISCUSIONES

Raimundo Lenilde de Araújo

Universidade Federal do Piauí (UFPI)
raimundolenilde@gmail.com

Emanuel Lindemberg Silva Albuquerque

Universidade Federal do Piauí (UFPI)
lindemberg@ufpi.edu.br

Marcos Gomes de Sousa

Universidade Federal do Piauí (UFPI)
marcosggomes77@gmail.com

RESUMO

A aula de campo é uma atividade muito recorrente no curso de Geografia, é uma prática educacional em que os alunos saem do ambiente tradicional (sala de aula) para explorar e aprender em espaços informais de ensino. Nesse sentido, o estudo visa apresentar a relevância da aula de campo no curso de Geografia, tendo como referência a realizada durante a disciplina de “Tópicos especiais em estudos regionais I” do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFPI) em conjunto com disciplinas da graduação, que são Geomorfologia e Hidrografia, no ano de 2023. Quanto aos objetivos específicos, destacam-se: i) discutir a melhor forma de elaborar e executar uma aula de campo; e ii) apontar os principais materiais e ferramentas para a concretização de uma aula de campo qualitativa e eficiente ao desenvolvimento intelectual dos alunos. O trabalho em epígrafe é de grande importância, pois discute e aponta formas de elaborar, organizar e efetivar uma eficaz prática de aula de campo no ensino da ciência geográfica. A pesquisa baseou-se em leituras em artigos e livros sobre o tema geral deste estudo, caracterizando-se a pesquisa bibliográfica. Conclui-se que, para realizar uma aula de campo que possibilite maior participação dos alunos é necessário: elaborar roteiro de campo; estabelecer um cronograma que esteja conforme a realidade do aluno(a); estabelecer regras de segurança durante as visitas e dialogar com os alunos sobre os conceitos, temas e conteúdos da Geografia, como o vivenciado no estado do Piauí.

PALAVRAS-CHAVE: aula de campo; Geografia; roteiro de campo.

ABSTRACT

The field class is a very recurrent activity in the Geography course. It is an educational practice in which students leave the traditional environment (classroom) to explore and learn in informal teaching spaces. In this sense, the study aims to present the relevance of the field class in the Geography course, with reference to the one held during the discipline “Special Topics in Regional Studies I” of the Postgraduate Program in Geography (PPGGEO/UFPI) in conjunction with undergraduate disciplines, which are Geomorphology and Hydrography, in the year 2023. As for the specific objectives, they are: i) to discuss the best way to prepare and carry out a field lesson; and ii) to point out the main materials and tools for carrying out a qualitative and efficient field lesson for students' intellectual development. The work in question is of great importance, as it discusses and points out ways of preparing, organizing and carrying out an effective field lesson in the teaching of geographical science. The research was based on reading articles and books on the general theme of this study, which is characterized as bibliographical research. The conclusion is that, in order to carry out a field lesson that allows for greater student participation, it is necessary to: draw up a field itinerary; establish a timetable that is in line with the student's reality; establish safety rules during the visits and talk to the students about the concepts, themes and contents of Geography, such as the one they have experienced

KEYWORDS: fieldclass; Geography; fielditinerary.

RESUMEN

La clase de campo es una actividad muy recurrente en el curso de Geografía. Se trata de una práctica educativa en la que los estudiantes salen del ambiente tradicional (aula) para explorar y aprender en espacios informales de enseñanza. En este sentido, el estudio pretende presentar la relevancia de la clase de campo en el curso de Geografía, con referencia a la realizada durante la asignatura «Temas Especiales en Estudios Regionales I» del Programa de Posgrado en Geografía (PPGGEO/UFPI) en conjunto con las asignaturas de pregrado, que son Geomorfología e Hidrografía, en el año 2023. En cuanto a los objetivos específicos, son: i) discutir la mejor forma de preparar y realizar una lección de campo; y ii) señalar los principales materiales y herramientas para realizar una lección de campo cualitativa y eficiente para el desarrollo intelectual de los alumnos. El trabajo en cuestión es de gran importancia porque discute y señala formas de diseñar, organizar y llevar a cabo una lección de campo eficaz en la enseñanza de las ciencias geográficas. La investigación se basó en la lectura de artículos y libros sobre el tema general de este estudio, lo que la caracteriza como investigación bibliográfica. Se concluye que, para llevar a cabo una lección de campo que permita una mayor participación de los alumnos, es necesario: elaborar un itinerario de campo; establecer un horario que se ajuste a la realidad del alumno; establecer normas de seguridad durante las visitas y dialogar con los alumnos sobre los conceptos, temas y contenidos de la Geografía, como el que han experimentado.

PALABRAS CLAVE: clase de campo; Geografía; itinerario de campo.

1. INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que tem por objeto principal o espaço geográfico e as transformações que nela decorrem, tendo como destaque a sociedade como principal agente modificador da natureza. De acordo com Corrêa (2018, p. 25), “[...] o espaço é o locus da produção das relações sociais de produção”, com isso, pode-se analisar o espaço geográfico por meio da prática da aula de campo, sendo possível utilizar as categorias de análises do espaço, sendo elas as formas, as funções e os processos, assim como sua estrutura.

A prática da aula de campo, enquanto estratégia didática, não está limitada a meros passeios. É necessário recriar, dialogar e discutir tudo que foi exposto em sala de aula, no intuito de concatenar a teoria à prática, tendo em vista que são momentos de novas aprendizagens na produção do conhecimento dos discentes em campo. Dessa forma, o estudo em questão trata-se de uma breve apresentação acerca da importância de um bom planejamento para a execução da aula de campo no curso de Geografia.

O trabalho em epígrafe é de grande importância, pois discute e aponta formas de elaborar, organizar e efetivar uma eficaz prática de aula de campo no ensino da ciência geográfica. Ademais, permite maior consolidação de novos conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem, assim como aqueles desenvolvidos no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

A pesquisa em questão girou em torno das seguintes inquietações: i) Como cada docente poderá realizar uma boa aula de campo? Quais são as formas que os docentes podem utilizar a

aula de campo como uma estratégia para relacionar a teoria e a prática, adequando-se como apoio ao trabalho científico? Com isso, têm-se como hipóteses que a aula de campo deverá ser construída em momentos distintos: abordagem dos conteúdos em sala de aula; elaboração do roteiro da aula de campo; visita pré-campo; diálogos empreendidos pelos(as) professores(as) e/ou por guias profissionais, e discussões após a finalização do campo. Na perspectiva de transformar a aula de campo em algo palpável, é necessário construir relatórios, resumos expandidos, cartilhas, artigos e outros, com o intuito de consolidar na prática o que foi visto em sala de aula e em campo, como uma forma avaliativa.

Diante disso, o trabalho visa apresentar a relevância da aula de campo no curso de Geografia, tendo como referência a realizada durante a disciplina de “Tópicos especiais em estudos regionais I” do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFPI) em conjunto com disciplinas da graduação, que são Geomorfologia e Hidrografia, no ano de 2023. Quanto aos objetivos específicos, destaca-se: i) discutir a melhor forma de elaborar e executar uma aula de campo e ii) apontar os principais materiais e ferramentas para a concretização de uma aula de campo qualitativa e eficiente ao desenvolvimento intelectual dos alunos.

Durante os estudos, notou-se o quanto é complexo implementar o uso dessa estratégia de ensino, seja no âmbito da Educação Básica ou no Ensino Superior. Ademais, sabe-se ainda que o uso da aula de campo, enquanto meio didático no processo de ensino-aprendizagem, proporciona melhores assimilações dos conteúdos postos em sala de aula e, por conseguinte, melhores resultados na aprendizagem da turma em campo.

O presente texto está organizado em cinco seções, esta introdução é a primeira, aqui são expostos os objetivos, justificativas e o problema da pesquisa. A seção dois, denominada “metodologia”, apresenta todo o percurso metodológico na elaboração deste estudo. A seção três discute a importância da aula de campo na concretização do conhecimento científico e sua relevância para a prática pedagógica dos professores de Geografia. Já na seção quatro são expostos os resultados da pesquisa, por meio da aula de campo idealizada no curso de Geografia da UFPI, em que são apresentadas sugestões de como proceder com a aula de campo. Finaliza-se com a seção cinco, e nesta são apresentadas as considerações sobre este estudo.

2. AULA DE CAMPO E A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO

A aula de campo é considerada uma estratégia didática para ministrar aulas que mesclam a teoria com a prática, assim o(a) aluno(a) poderá observar e materializar, concretamente, o espaço geográfico. De acordo com Alentejano e Rocha-Leão (2017, p. 53), “[...] desde os primórdios da Geografia os trabalhos de campo são parte fundamental do método de trabalho dos geógrafos”, o que destaca a importância do empirismo nessa ciência. Moraes (1994), em sua obra intitulada “Geografia: pequena história crítica”, destaca que a Geografia pode ser definida como o estudo das relações entre o homem e o meio, ou seja, entre a sociedade e a natureza. Conforme Cordeiro e Oliveira (2011, p. 103):

A Geografia vai além de algumas páginas de um livro, ou de uma sala de aula, mas que a mesma pode ser presenciada em diversos meios que o próprio aluno vivencia em seu cotidiano. Dentre os recursos para auxiliar no ensino da Geografia, as aulas de campo aparecem como um instrumento eficiente para o estabelecimento de uma nova perspectiva na relação aluno/aprendizagem, pois o aluno passa a “ver” a Geografia em vez de “ler” a Geografia, permitindo assim, uma maior compreensão do espaço geográfico.

Daí a importância da prática da aula de campo, pois esta possibilitará analisar e explicar a relação das transformações da sociedade sobre a natureza. Essa estratégia sempre foi uma ferramenta dos geógrafos, com isso, a aula de campo não deve se reduzir ao mundo do empírico, mas ser um momento de articulação teoria-prática (Alentejano; Rocha-Leão, 2017, p. 56).

Dessa forma, deve-se pensar a aula de campo como um momento do processo de ensino e aprendizagem que não pode prescindir da teoria, pois sem esse elo a prática torna-se algo vazio de conteúdo dos fenômenos geográficos recorrentes no espaço. Sobre esse objeto da Geografia, Santos (2021, p. 30-31) menciona que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo, de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimentos.

Destarte, é papel dos geógrafos analisar a totalidade, pois a sociedade é um conjunto de possibilidades. Quanto à análise em campo, Alentejano e Rocha-Leão (2017, p. 57) mencionam que “[...] não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos da geografia”.

Salienta-se que essa estratégia de ensino idealiza a integração entre os fenômenos sociais e naturais. De acordo com Lima e Assis (2012, p. 109), a aula de campo “[...] se baseia na observação, permitindo ao aluno um olhar especial sobre os elementos da paisagem [...]”, proporcionando discussões e reflexões sobre os elementos naturais e artificiais. Os mesmos autores confirmam que, ao usar essa estratégia didática, é preciso “[...] trabalhar a observação a partir do meio estudado, o que requer do docente um conhecimento prévio sobre a área a ser visitada” (Lima; Assis, 2012, p. 110). De acordo com Santos e Buriti (2020, p. 138):

É notório que a aula de campo é propositiva a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, contribuindo para uma aprendizagem mais eficiente. Nesse contexto, desde o momento em que os discentes saem do ambiente escolar, para aprenderem novos conhecimentos por meio de novas experiências, eles compreendem que a escola não se resume ao espaço “fechado” onde estão durante a semana para aprenderem o conhecimento sistemático. Isso acontece também durante a graduação, a partir do momento que os discentes vão a uma aula de campo, é possível compreender o conteúdo de uma forma mais dinâmica, conhecendo melhor aquele meio estudado e podendo fazer correlações com os aspectos teóricos já estudados em sala de aula. Além disso, durante a realização das atividades é possível estabelecer uma maior troca de conhecimentos entre os alunos e professores, favorecendo uma maior aproximação entre os mesmos.

Posto isso, a aula de campo é considerada como de grande relevância pedagógica, uma vez que são produzidos novos conhecimentos científicos acerca da produção e organização socioespacial, que precisam ser vivenciados. Conforme Santos (2021, p. 47), o espaço vai se tornando “[...] instrumentalizado, culturalizado, tecnificado e cada vez mais trabalhado segundo os ditames da ciência”. De acordo com Lopes e Pontuschka (2009, p. 174):

O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos.

Com isso, observa-se que a aula de campo se configura como um recurso para possibilitar ao aluno sua compreensão no lugar e no mundo, por meio do espaço vivido e percebido. Porém, para a efetivação de uma boa aula de campo é necessário ter uma organização metodológica, assim como é posto por Lima e Assis (2012, p. 112): é necessário ter “[...] a preparação, a realização e os resultados/avaliação”. Os autores ratificam ainda que uma boa aula de campo necessita das seguintes etapas (Quadro 1):

Quadro 1: Etapas para a realização eficiente de aula em campo

1ª Etapa: Planejamento
<ul style="list-style-type: none">• Inicialmente, cada docente e/ou equipe organizadora deve fazer uma visita técnica, checar e definir detalhes técnicos, aspectos de segurança individual e coletiva diretamente relacionados com a aula de campo com vistas a evitar imprevistos.• Checar horários e cronometrar os deslocamentos com vistas à elaboração de planilha de acompanhamento.• Levantamento de dados de georreferenciamento.• Produzir estudos detalhados relativos aos locais em que ocorrerão as aulas em campo, especialmente estudos científicos relativos aos conhecimentos históricos e geográficos, diretamente relacionados com o planejamento sugerido.• Detalhamento do planejamento: definição de objetivos, definição de local de hospedagem, levantamento de custos, apresentação de detalhes científicos sobre a aula, bem como a elaboração de roteiro(s).• Definição da quantidade de discentes para a aula de campo em função do planejamento prévio.• Reunião de apresentação, detalhamento e <i>checklist</i> em relação à efetivação da aula de campo.• Identificação e checagem de documentação individual.
2ª Etapa: Realização
<ul style="list-style-type: none">• Encontro de toda a equipe no local, data e horário previamente definidos.• Checagem de documentação individual e de condições gerais de saúde individual.• Socialização do planejamento de estudos em campo definidos anteriormente.• O(a) responsável e/ou docente fará uma apresentação prévia para o grupo e sobre os objetivos da aula.• Em cada ponto programado para a atividade em campo, o transporte fará a parada planejada e permanecerá fechado. O(a) responsável e/ou professor informará a identificação do local, falará sobre o objetivo planejado para a aula e fará orientações para o desembarque, duração da aula planejada e retorno para o embarque. Essa ação deve ser repetida em todas as paradas planejadas.• Detalhamento científico referente ao local planejado para a realização da aula de campo.• O(a) responsável e/ou professor(a) deverá despertar nos discentes a importância e a curiosidade científica e proporcionar situações reais em campo quanto ao levantamento de dados para a produção de conhecimento científico.
3ª Etapa: Resultados
<ul style="list-style-type: none">• Produção de conteúdo científico: resumos, cartilhas, textos dissertativos, artigos científicos, relatórios, apresentação de seminários, mapas mentais, croquis, mural de fotos.
4ª Etapa: Avaliação
<ul style="list-style-type: none">• Apresentação de seminários.• Articulação de rodas de discussões científicas.• Avaliação de interfaces entre teoria, metodologia e aula em campo.• Apresentação de <i>feedback</i> do processo de ensino-aprendizagem em campo, com discussões dos principais avanços, o que não avançou e o que precisa melhorar.

Fonte: Lima e Assis (2012). Organização: Autoria própria (2023).

Dessa forma, torna-se indispensável uma organização para a elaboração e finalização da aula de campo, uma vez que o professor deve buscar mecanismos que aumentem o desempenho

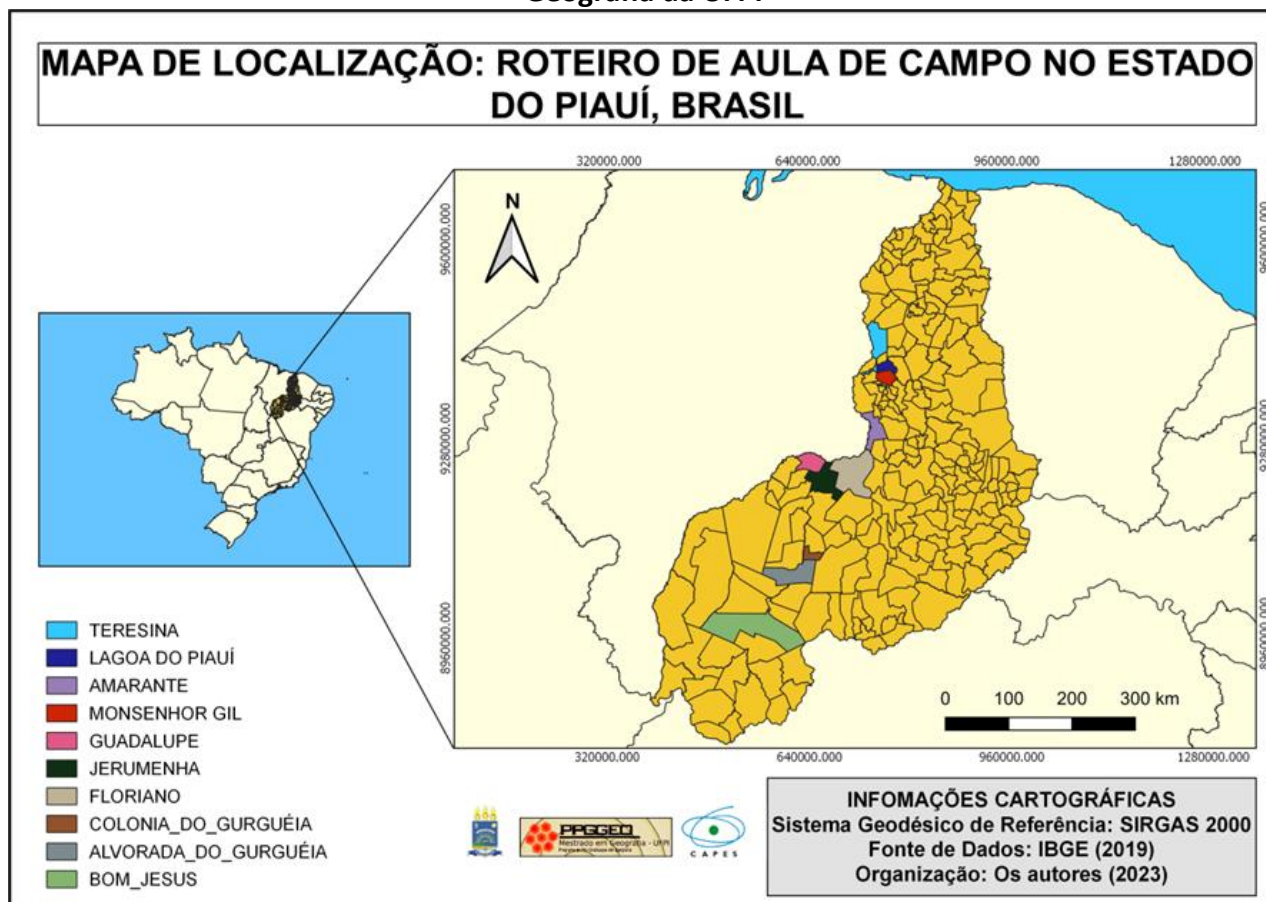
dos alunos no processo de aprendizagem científica. Conforme Cordeiro e Oliveira (2011, p. 101), “a aula de campo surge neste contexto como forma de inovação para o trabalho do professor, e como consequência, no despertar de sensações e emoções que não se encontrariam em uma aula tradicional [...]”.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida e organizada durante uma aula de campo idealizada pelo curso de Licenciatura em Geografia da UFPI em 2023, por meio da disciplina de Tópicos Especiais em Estudos Regionais I do Programa de Pós-Graduação do Curso de Geografia da UFPI (PPGGEO/UFPI), em conjunto com disciplinas do Curso de Licenciatura em Geografia: Geomorfologia e Hidrografia, de forma interdisciplinar. Ademais, tais disciplinas apresentam conteúdos similares para a prática em campo.

Diante disso, foram realizadas visitas de campo em algumas cidades do estado do Piauí, com o propósito de discutir, refletir, analisar e conhecer as transformações espaciais, seja no contexto social, geográfico ou histórico. Salienta-se que as cidades escolhidas para a aula de campo foram: Lagoa do Piauí; Monsenhor Gil; Amarante; Guadalupe; Jerumenha; Colônia do Gurguéia; Alvorada do Gurguéia; Floriano e Bom Jesus (Figura 1), tendo como local de saída a cidade de Teresina. Foram destinados quatro dias de efetivas discussões e observações sobre os espaços selecionados em cada cidade.

Figura 1: Mapa de localização dos principais destinos da aula de campo idealizada pelo curso de Geografia da UFPI



Fonte: Autoria própria (2023).

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, de modo a orientar e enfatizar a relevância da aula de campo, bem como relatar os procedimentos adotados para sua realização, seguindo o que foi idealizado pelo curso e que pode servir de modelo para aqueles professores que pretendem ministrar aulas de campo na disciplina de geografia. É importante ressaltar que não se propõe discutir os espaços visitados detalhadamente, mas apenas esboçar como se deram os procedimentos metodológicos. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 70), as pesquisas qualitativas:

[...] tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador.

Ademais, quanto aos objetivos da pesquisa, apropriou-se da pesquisa descritiva, pois, como reforça Gil (2002, p. 42), “[...] são inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tal como a observação sistemática”.

Em concordância com os objetivos desta pesquisa, foram utilizadas como aportes teóricos leituras bibliográficas em periódicos, anais de congressos, revistas científicas, livros e sites especializados sobre o tema em questão. Diante disso, foram analisadas as obras dos autores Lopes e Pontuschka (2009), Alentejano e Rocha-Leão (2017), Cordeiro e Oliveira (2011), assim como Santos (2021), os quais discutem, respectivamente, temas sobre a importância do estudo do meio, o trabalho de campo na prática dos geógrafos e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem e as categorias fundamentais para o estudo do fenômeno espacial.

A etapa seguinte consistiu nos procedimentos de mapeamento, a fim de se obter uma melhor espacialização do roteiro de aula de campo. Assim, para a confecção do mapa de localização das áreas de estudos, utilizou-se a malha territorial representada por meio de dados vetoriais disponibilizados pelo site eletrônico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Destaca-se ainda que, para a confecção do mapa, utilizou-se o *software* QGIS em sua versão 3.4.11.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Reflexões sobre a organização e execução da prática da aula de campo

Como já destacado, a aula de campo não deve ser confundida como um momento recreativo, mas sim uma condição que possibilite a elucidação de novas aprendizagens científicas por meio da integração da teoria com a prática. Nesse sentido, o docente precisa viabilizar e sistematizar, a priori, um planejamento adequado à realidade socioeducativa dos(as) alunos(as).

A aula de campo incentivará os alunos à formação ética, principalmente quando são abordados em campo temas sobre as transformações espaciais e seus impactos na sociedade. Assim, o professor instigará o respeito ao meio ambiente, à diversidade e às questões geográficas. Posto isto, para a efetivação do campo, torna-se necessário a escolha dos locais a serem visitados, a duração do campo, se serão horas ou dias, dependendo dos objetivos da prática (Quadro 2):

Quadro 2: Apresentação dos principais recursos para a realização da aula de campo

Recursos essenciais para a prática de campo	
Para anotações e apoio científico	Vestimentas e alimentos
<ol style="list-style-type: none">1. Ficha técnica;2. Bloco de nota;3. Canetas ou lápis;4. Celular, câmera ou outro recurso que possa registrar o momento da aula de campo (fotografias);5. Gravador;6. Mapas;7. Transporte;8. Alojamento;	<ol style="list-style-type: none">1. Calça comprida e blusa de manga longa;2. Bota;3. Chapéu/boné;4. Uso de protetor solar/repelente.5. Óculos escuros;6. Levar alimentos leves, como frutas/barras de cereais/água.

Fonte: Autoria própria (2023).

Diante do exposto, percebe-se que para obter uma boa aula de campo, o professor precisa organizar a logística, desde o transporte até o alojamento, assim como pensar nas formas com que irá avaliar seus alunos e de que forma irá abordar os conteúdos em campo. Dessa forma, é preciso criar um ambiente de entusiasmo e de tranquilidade, que favoreça a aprendizagem dos alunos, que é responsabilidade do docente, porém necessita da entrega e parceria do alunado.

4.2 Prática de aula de campo: vivências no curso de Geografia da UFPI

A aula de campo foi idealizada com o intuito de reforçar e fixar novos conhecimentos na prática, e para isso foram desenvolvidas várias atividades ao longo de quatro dias de atividades em campo. Destaca-se que as atividades foram realizadas com quarenta e quatro discentes do curso de licenciatura em Geografia e três professores doutores do mesmo curso, e que a expedição ocorreu em território piauiense, com saída de Teresina/PI (Quadro 3):

Quadro 3: Apresentação do cronograma da aula de campo realizada nas cidades do Piauí e seus principais locais de estudos e pesquisas

Primeiro dia de aula de campo – Saída da UFPI/CMPP			
Saída: 07h04min			
Nº	Local	Tempo da atividade	Descrição da atividade
01	Lagoa do Piauí	55 minutos	Visita à Gruta da Betânia (santuário religioso da cidade).
02	Monsenhor Gil	01h38min	Visita ao Riacho “Riachão do Natal”, Igreja Matriz e Morro do Cruzeiro.
03	Amarante	03h38min	Visita à Escadaria do Mirante, Museus, Centro Histórico, Rio Parnaíba e Rio Canindé.
Segundo dia de aula de campo – Saída de Floriano			
Saída: 07h10min			
04	Guadalupe	05h03min	Visita ao Portal da cidade, Usina Hidrelétrica de Boa esperança e Perímetro Irrigado.
05	Jerumenha	15 minutos	Visita à Igreja matriz e ao Rio Gurguéia.
06	Floriano	56 minutos	Visita ao Cais do Rio Parnaíba.
Terceiro dia de aula de campo – Saída de Floriano			
Saída: 07h05min			
07	Colônia do Gurguéia	13 minutos	Visita à Placa do Maná do Gurguéia.
08	Alvorada do Gurguéia	33 minutos	Visita ao Poço Violeta/Violeto.
09	Bom Jesus	03h22min	Visita ao Rio Gurguéia e ao Agronegócio de Grãos.
Quarto dia de aula de campo – Saída de Bom Jesus com destino a Teresina			
Saída: 07h20min			
10	Realização de paradas técnicas nos principais locais já visitados: Canto do buriti (15 minutos); Floriano (33 minutos); Lagoinha do Piauí (9 minutos).		

Fonte: A autoria própria (2023).

Como percebido no Quadro 3, houve a rigor um planejamento para a aula de campo, como, por exemplo: visitou-se os locais anteriormente à expedição oficial idealizada pelos docentes; foi explicado aos discentes o roteiro de campo e orientações de segurança, embasando também sobre temas da Geografia dos locais visitados. O quadro sintetiza a importância em seguir as paradas de campo, pois o professor poderá acompanhar o cronograma de roteiro minuciosamente.

As cidades escolhidas para a prática da aula de campo foram nove, uma vez que todas apresentaram potenciais para discussões apresentadas em sala de aula. Diante disso, discutiram-se temas sobre religião, formação territorial, transformações socioespaciais, aspectos hidrológicos, geológicos, geomorfológicos, pedológicos e vegetacionais, assim como de culturas locais (Figura 2):

Figura 2: Mapa de roteiro dos principais locais visitados durante a aula de campo, com sentido norte-sul



Fonte: Autoria própria (2023).

A Figura 2 apresenta o roteiro de campo em ordem cronológica de visita, onde foi possível visitar alguns municípios do estado do Piauí. Para que a aula de campo pudesse ter sido efetivada com êxito, foi preciso elaborar o cronograma de saída, de visita e chegada. Logo em seguida, tornou-se pertinente realizar uma exposição sobre as análises socioambientais, tais como a Geologia, Geomorfologia, Hidrografia, vegetação e Pedologia de cada ponto.

4.2.1 Primeiro ponto da aula de campo: cidade de Lagoa do Piauí

A primeira parada ocorreu na Gruta da Betânia, localizada no município de Lagoa do Piauí, às margens da BR-316, foi o primeiro ponto para explicar como seria o campo, quais locais seriam visitados, a duração da aula de campo, a apresentação dos professores, bem como questões geográficas da região (Figura 3).

Figura 3: Apresentação inicial da atividade de aula de campo idealizada pelos professores do curso de Geografia da UFPI



Fonte: Autoria própria (2023).

A cidade de Lagoa do Piauí fica localizada a 50 km de distância do município de Teresina, possui uma área territorial de 427.841 km² e está inserida na mesorregião Centro-norte Piauiense, em uma vasta área de Cerrado (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Ainda conforme o IBGE (2021), a cidade apresenta densidade demográfica de 11,24 habitantes/km², e apresenta Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,583.

A escolha deste ponto se deu devido ao seu potencial turístico religioso, de acordo com Machado (2020, p. 64), “[...] Lagoa do Piauí tem uma atração turística religiosa de abrangência local, mas falha em sua estrutura. A cidade não apresenta estruturas mínimas, as chamadas infraestruturas de apoio, mas tem potencial para turismo religioso [...]”, significativo, o que nos permitiu a escolha da cidade.

4.2.2 Segundo ponto da aula de campo: cidade de Monsenhor Gil

A cidade de Monsenhor Gil está localizada na microrregião de Teresina, com uma área regular de 557 km², com uma extensão territorial de 567.860 km², com densidade demográfica 18,06 hab./ km² (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Assim como Lagoa do Piauí, a cidade de Monsenhor Gil apresenta potencialidade turística religiosa. Conforme dados do IBGE (2022), o processo de povoamento do Município girou em torno da vida religiosa do Monsenhor Gil, natural da Cidade.

A escolha pela cidade para a aula de campo se deu devido às potencialidades geológicas e geomorfológicas também. Santos, Aquino, Silva e Aquino (2020, p. 241) ratificam que:

As unidades geológicas que dominam na área do município pertencem às coberturas sedimentares. Os sedimentos mais recentes fazem parte da Formação Corda, que reúne arenito, argilito, folhelho e siltito. Na sequência tem-se sedimentos da Formação Pastos bons, que agrupa fácies numa associação lacustre com rios efêmeros a partir de pacotes espessos de pelitos com laminação cruzada, intercalados por camadas delgadas de arenitos, arenitos com estratificação.

O que possibilitou aos professores realizarem discussões mais profundas sobre essa região na perspectiva da geografia física, em que foi possível abordar as temáticas sobre o geoturismo, geodiversidade, geoconservação e as consequências da ocupação humana na região e seus impactos negativos ao meio ambiente. Assim, os pontos escolhidos para a prática de aula de campo foram: Morro do Cruzeiro, Riacho “Riachão do Natal” e Igreja Matriz (Figura 4 – A, B e C):

Figura 4: Pontos visitados na cidade de Monsenhor Gil, Piauí. Figura 4A – Morro do Cruzeiro; 4B – Riacho “Riachão do Natal”; 4C – Igreja Matriz Menino Deus



Fonte: A autoria própria (2023).

4.2.3 Terceiro ponto da aula de campo: cidade de Amarante

A cidade de Amarante está localizada na região centro-sul do Piauí, cerca de aproximadamente 160 km de Teresina, é considerada uma cidade histórica (Amarante, 2017).

Conforme fontes da Prefeitura da cidade, nasceu “[...] às margens do rio Parnaíba, no século XVIII, é a terra natal de importantes políticos e literatos, entre eles o poeta simbolista Antonio Francisco da Costa e Silva. É lá também que está o primeiro quilombo reconhecido no estado, o Mimbó” (Amarante, 2017)¹.

De acordo com dados do IBGE (2022), a região de Amarante possui uma área territorial de 1.152,127 km², com densidade demográfica 14.96 hab./km². A cidade foi escolhida por apresentar potencial para discussão geográfica, pois a mesma apresenta setenta e dois casarões em seu centro histórico, bem como museus, mirante e escadaria, comunidade afrodescendente Mimbó (considerada a primeira do estado do Piauí), fábrica de cachaça e Ecoparque (Amarante, 2017).

Além das questões culturais, a cidade apresenta potencialidades para se discutir aspectos da Geografia Física, tais como geologia e geomorfologia, assim, conhecer os processos para o reconhecimento do espaço geográfico tornou-se importante para a prática da aula de campo nesta cidade. De acordo com Ribeiro, Lima e Albuquerque (2016, p. 125):

O município de Amarante, estado do Piauí [...] encontra-se inserido numa área de contato entre dois domínios geológicos distintos. O primeiro refere-se às formações geológicas sedimentares de idade Paleozoica e Mesozoica (Formação Corda, Pedra de Fogo, Poti e Piauí), representando 85% da área total do município, e a formação de rochas cristalinas (Formação Sardinha), correspondendo a 15% [...].

Desse modo, os principais pontos visitados durante as visitas na cidade foram: Escadaria do Mirante, Museus, Centro Histórico e os Rio Parnaíba e Rio Canindé (Figura 5):

¹ NOTA: A fonte consultada não é paginada.

Figura 5: Pontos visitados na cidade de Amarante, Piauí. Figura 5A – Escadaria do Mirante; 5B – Museu barbearia; 5C – Parte frontal dos museus; 5D – alunos próximos ao Rio Parnaíba (Orla de Amarante)



Fonte: Autoria própria (2023).

4.2.4 Quarto ponto da aula de campo: cidade de Guadalupe

A cidade de Guadalupe está inserida na mesorregião do sudeste piauiense e microrregião de Floriano. Consoante o censo do IBGE (2022), a cidade possui população residente de 10.270 pessoas, com densidade demográfica 10.00 hab./ km², em uma área territorial de 1.026, 538 km² de extensão. A cidade está distante da capital piauiense cerca de 340 km, assim como as demais, está localizada próxima ao Rio Parnaíba, o que é considerado um fator relevante para o desenvolvimento da economia e o turismo da cidade.

Guadalupe possui clima semiárido, caracterizado por altas temperaturas durante todo o ano e chuvas concentradas em alguns meses. É uma região que tem como principal fonte econômica a agropecuária, além disso, é nesta mesma cidade em que está instalada a Usina Hidrelétrica de Boa Esperança, uma importante fonte de geração de energia para os guadalupenses. Diante disso, foram visitados os seguintes pontos: portal da cidade, Usina Hidrelétrica de Boa Esperança e Perímetro Irrigado (Figura 6).

Figura 6: Pontos visitados na cidade de Guadalupe. Figura 6A – Pórtico da cidade de Guadalupe; 6B – Barragem de Boa Esperança.



Fonte: Autoria própria (2023).

4.2.5 Quinto e sexto ponto da aula de campo: cidades de Jerumenha e Floriano

A cidade de Jerumenha apresenta uma área territorial de 1.865,940 km², com cerca de 4.497 pessoas residentes, ademais, possui densidade demográfica de 2,41 hab./km² (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Está situada na microrregião do Alto Parnaíba, é considerada uma das cidades mais antigas do Piauí, com fundação em 1761, com uma rica história da colonização portuguesa e à pecuária. De acordo com o site da prefeitura da cidade:

JERUMENHA foi, em sua origem, um arraial de índios trazidos da Bahia, pelo português Francisco Dias D'Ávila, que os aldeou na margem direita do rio Gurguéia, onde se encontra a cidade. Com isso, o povoado começou a crescer chegando a ser importante no Estado. Em 1676, o arraial foi fundado pelo Governador de Pernambuco, Pedro Almeida, com área de dez léguas. Em 1740, Frei Manoel da Cruz, Bispo do Maranhão, criou a Freguesia de Santo Antônio do Gurguéia. No ano seguinte os jesuítas iniciaram a construção da igreja. Com a denominação de Jerumenha (homenagem a terra natal de Francisco D'ávila), foi elevada à categoria de Vila, em 19/06/1761. Elevada a condição de cidade pelo decreto N° 12 de 15/02/1890 (Jerumenha, 2021)².

Diante disso, a cidade apresentou grande potencialidade para a prática de campo, devido não somente às discussões de seu contexto histórico, mas também por apresentar potencialidade

² NOTA: A fonte consultada não é paginada.

turística, tais como monumentos e tradições centenárias que contam parte da história do Piauí. Ademais, sua localização geográfica, localizada nas margens do Rio Gurguéia e banhada também pelo Rio Parnaíba, é rica em recursos hídricos e terras propícias à produção agrícola e criação de animais (Jerumenha, 2021).

A cidade de Floriano, localizada a 240 km da capital teresinense, na zona fisiográfica do Médio Parnaíba. Floriano possui uma área territorial de 3.407,979 km², com cerca de 62.036 pessoas residentes na cidade, possuindo densidade demográfica 18,20 hab./km² (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

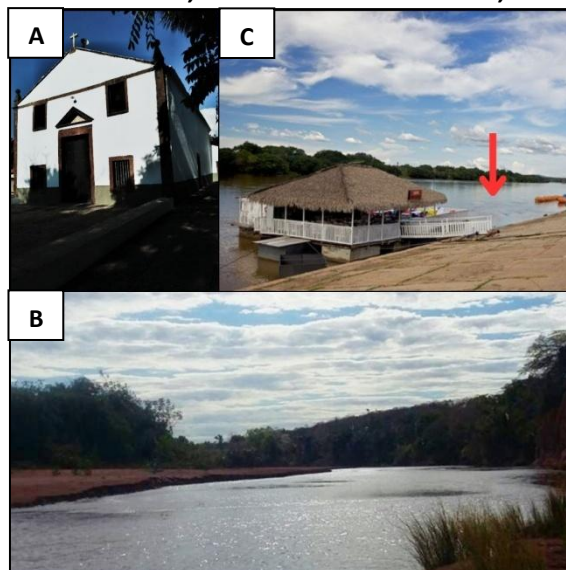
A escolha da prática de aula de campo na cidade de Floriano ocorreu devido ao seu avanço urbano e seu desenvolvimento econômico local. Em conformidade com o IBGE (2015), “O processo histórico de ocupação urbana de Floriano foi lento, vindo a acelerar-se de forma mais significativa apenas no século XX”. Assim sendo, foi possível realizar discussões acerca de seu processo histórico e avanço social aos alunos. Segundo informações do IBGE (2015)³:

O marco fundante para a ocupação do espaço onde hoje se encontra a cidade de Floriano foi a criação do Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara, em 1873. Anteriormente à criação do Estabelecimento, todo o território fazia parte das chamadas Fazendas Nacionais, pertencentes ao patrimônio da Coroa Portuguesa, terras que, anteriormente, tinham pertencido à sesmaria de Domingos Afonso Mafrense, criada em 1676. Uma história que remonta ao século XVII e ao ciclo do gado.

Com as visitas às cidades de Jerumenha e Floriano, foi possível discutir temas sobre a economia de ambas, infraestrutura, educação e cultura. Ademais, sobre turismo, patrimônios históricos e outras questões geográficas, tais como aspectos climáticos, geológicos e geomorfológicos. Nesse sentido, foram visitados os seguintes locais em cada cidade: Jerumenha (Igreja Matriz e ao Rio Gurguéia), Floriano (Cais do Rio Parnaíba) (Figura 7).

³ NOTA: A fonte consultada não é paginada.

Figura 7: Pontos visitados nas cidades de Jerumenha e Floriano. 7A – Igreja Matriz Santo Antônio de Jerumenha; 7B – Rio Gurguéia na cidade de Jerumenha; 7C – Cais do Rio Parnaíba em Floriano, ao fundo Rio Parnaíba;



Fonte: A autoria própria (2023).

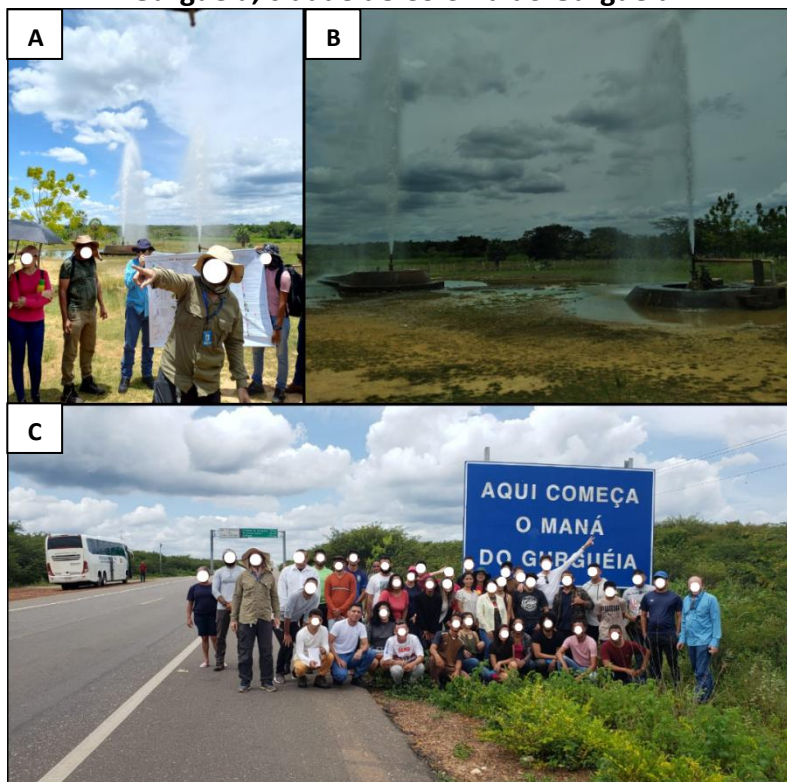
4.2.6 Sétimo e oitavo ponto da aula de campo: cidades Colônia do Gurguéia e Alvorada do Gurguéia

A cidade de Colônia do Gurguéia está localizada na microrregião de Bertolândia, possui área de 430,613 km² com cerca de 6.150 pessoas residentes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Ademais, a cidade apresenta uma densidade demográfica de 14,32 hab./km², com IDH acima de 0,628 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

A cidade de Alvorada do Gurguéia está localizada na microrregião do Alto Médio Gurguéia, a cidade possui uma área territorial total de 2.131,506 km², com população residente de 5.322 pessoas, ademais, apresenta densidade demográfica de 2,50 hab./km² (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). As cidades foram escolhidas para a prática de campo devido às potencialidades no ensino de hidrografia, geologia e geomorfologia, uma vez que na cidade de Colônia do Gurguéia está instalada a fonte termal, conhecida como Poço Violeta.

Localizado no Sul do estado, o Poço jorrante Violeta é classificado com um dos maiores poços jorrantes do mundo, lançando água a mais de 30 metros de altura 24 horas. Com vista ao poço, foi possível destacar temas sobre sua profundidade, formações rochosas, acessibilidade, potencial turístico para região, sendo similar à cidade de Colônia do Gurguéia. Nesse sentido, foram visitados os seguintes pontos nas cidades: Placa do Maná do Gurguéia (Colônia do Gurguéia) e Poço Violeta/Violeto (Alvorada do Gurguéia) (Figura 8):

Figura 8: Pontos visitados nas cidades de Colônia do Gurguéia e Alvorada do Gurguéia. Figura 8A e 8B – Mostra os Poços Jorrantes Violeta, em Alvorada do Gurguéia; 8C – Placa do Maná do Gurguéia, cidade de Colônia do Gurguéia



Fonte: A autoria própria (2023).

Após as explicações, foram visitados outros pontos importantes em outra cidade, como: o agronegócio de grãos em Bom Jesus, este o último ponto de análise e discussão do campo idealizado pelo curso de Geografia da UFPI. Nesse sentido, a aula de campo se deu de forma teórico-prática sobre as transformações dos fenômenos socioespaciais de cada cidade.

4.2.7 Nono ponto da aula de campo: cidade de Bom Jesus

Como último ponto que foi visitado, temos a cidade de Bom Jesus, está localizada no sul do estado, situada no Vale do Rio Gurguéia. Segundo o IBGE (2022), o município possui uma extensão territorial 5.471,024 km², com cerca de 28.796 pessoas, possuindo uma densidade demográfica de 5,26 hab./km². É uma das cidades também mais antigas, no tocante povoamento, e atualmente o município de Bom Jesus vem se desenvolvendo economicamente devido às atividades do agronegócio.

O que motivou a visita de campo, pois a prática do agronegócio desencadeia dilemas socioambientais severos, como a exploração desenfreada do Cerrado, transformações urbanas. De acordo com Elias (2017) *apud* Rufo e Sobrinho (2018, p. 166), “[...] às transformações impostas

pelo agronegócio, as alterações na economia urbana [...] chamam atenção e estão ligadas à associação entre o campo tecnificado com os espaços urbanos inseridos em áreas destinadas ao agronegócio globalizado”.

Nesse sentido, foi possível discutir em campo temas relacionados ao meio urbano da cidade e o avanço do agronegócio no sul do estado do Piauí, bem como seus desafios, como injustiça social, grilagem, impactos ambientais no cerrado e na Caatinga, entre outros. Diante disso, foram visitados os seguintes pontos na cidade: Agronegócio de Grãos (Figura 9):

Figura 9: Visitas à propriedade do agronegócio em Bom Jesus, Sul do Piauí



Fonte: Autoria própria (2023).

A Figura 9 apresenta a visita à cidade de Bom Jesus, em que se discutiu o desenvolvimento do agronegócio na cidade, pois este tipo de atividade desempenha papel significativo na economia local e regional. Salienta-se que outros temas foram ponderados, tais como impactos ambientais devido ao acelerado avanço do agronegócio, agroindústrias, tecnologias e inovação, como já destacados.

Todos os locais selecionados para a atividade de campo foram considerados uma prática bem executada, pois os discentes participaram ativamente dos diálogos, expondo seus conhecimentos prévios e suas opiniões. Ademais, em todos os locais, foi possível abordar os temas e conceitos presentes na Geografia, assim como o contexto histórico e geográfico de cada cidade.

Com relação ao pós-campo, foi utilizado como forma de avaliação da aprendizagem aos discentes da graduação elaborar um relatório técnico-reflexivo sobre as atividades vivenciadas em campo, integrando suas observações com temas e conceitos teóricos abordados em sala de aula. Já os discentes da pós-graduação foram solicitados que produzissem artigos ou resenhas críticas,

para estimular a escrita acadêmica e o aprofundamento dos temas geográficos abordados durante as atividades de campo.

Portanto, a aula de campo serviu como base para proporcionar, como estratégia didática, formas de novas aprendizagens por meio de observações e diálogos em campo. Logo, possibilitou aos alunos estudarem os ambientes naturais significativamente, abrangendo os aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e históricos em todos os nove locais visitados durante a aula de campo.

Conclui-se que as aulas de campo desempenham papel fundamental para o ensino de Geografia, pois oferecem oportunidade em explorar e compreender o espaço geográfico de maneira didática, prática e concreta. Ademais, quando bem planejada, a aula de campo possibilita a observação dos fenômenos sociais e ambientais, contextualização dos conteúdos e desenvolvimento de habilidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula de campo é considerada por muitos professores como uma estratégia didática que possibilita novas aprendizagens no meio natural, ou seja, os estudantes poderão aprender novos conceitos e temas fora da sala de aula. Portanto, pode-se, por meio de registros fotográficos e anotações, estimular os alunos a serem participativos em seu processo de ensino-aprendizagem, o que pode ser construído interdisciplinarmente.

Com isso, o trabalho em questão buscou, sucintamente, discutir e apontar a melhor forma de elaborar, organizar e efetivar uma eficaz prática de aula de campo no ensino da ciência geográfica, apresentando como modelo a aula de campo idealizada pelo curso de Geografia da UFPI. Portanto, para realizar uma aula de campo que possibilite maior participação dos alunos é necessário: elaborar roteiro de campo; estabelecer um cronograma que esteja conforme a realidade do aluno(a); estabelecer regras de segurança durante as visitas e dialogar com os alunos sobre os conceitos, temas e conteúdos da Geografia.

Nesse sentido, verificou-se que a aula de campo em questão abrange um modelo qualitativo e eficiente para futuras práticas de aulas de campo. E isso ratifica a relevância da aprendizagem em campo como uma estratégia para o ensino de Geografia. Outrossim, o presente estudo servirá de subsídio para que os professores possam utilizar esta pesquisa como embasamento para elaboração e finalização de tal prática de ensino.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo; ROCHA-LEÃO, Otávio Miguez de. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?, **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 1, n. 84, p. 51-68, maio. 2017. Disponível em:

<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/727>. Acesso em: 25 fev. 2023.

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, Paraná, v. 20, n. 02, p. 99-114, maio/ago. 2011. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/7416>. Acesso em: 02 mar. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Alvorada do Gurguéia**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/alvorada-do-gurgueia.html>. Acesso em: 30 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Amarante**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/amarante.html>. Acesso em: 26 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Colônia do Gurguéia**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/colonia-do-gurgueia.html>. Acesso em: 30 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Floriano**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/floriano.html>. Acesso em: 30 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Guadalupe**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/guadalupe.html>. Acesso em: 28 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **História de Floriano. 2015**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/floriano/historico>. Acesso em: 30 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Jerumenha**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/jerumenha.html>. Acesso em: 30 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Lagoa do Piauí**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/lagoa-do-piaui/panorama>. Acesso em: 26 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Monsenhor Gil**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/monsenhor-gil/historico>. Acesso em: 26 set. 2024.

LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de geografia. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, Sobral, v. 6, n. 1, p. 109-121, out. 2012. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/125>. Acesso em: 27 fev. 2023.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, Paraná, v. 18, n. 2, p. 173-191, dez. 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MACHADO, Ivna Carolinne Bezerra. **Dinâmica de lugares marianos: a devoção à Lourdes como estratégia turístico-terapêutico nos santuários festivos de Chaval (CE) e Lagoa do Piauí (PI)**. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2020.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

PREFEITURA DE AMARANTE. **Amarante**, 2017. Disponível em: <http://amarante.pi.gov.br/amarante/informacoesgerais/municipio/?tipo=turismo>. Acesso em: 26 set. 2024.

PREFEITURA DE JERUMENHA. **História de Jerumenha**. 2021. Disponível em: <https://transparencia.jerumenha.pi.gov.br/jerumenha/informacoesgerais/municipio/?tipo=historia>. Acesso em: 30 set. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FAEVALE, 2013.

RIBEIRO, Karoline Veloso; LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé; ALBUQUERQUE, Emanuel Lindemberg Silva. Caracterização geomorfológica do município de Amarante, estado do Piauí, Brasil. **Revista de Geociências do Nordeste**, Rio Grande do Norte, v. 2, n. 1, p. 123-132, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revistadoregnae/article/view/10431>. Acesso em: 27 set. 2024.

RUFO, Tiago Fernandes; SOBRINHO, Fernando Luis Araújo. Modernização Agrícola nos cerrados piauienses: novas dinâmicas socioespaciais e transformações urbanas em Bom Jesus e Uruçuí-PI. **Revista Equador**, Teresina, v. 7, n. 2, p. 164-186. 2018. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/equador/article/view/7142>. Acesso em: 30 set. 2024.

SANTOS, Anderson Felipe Leite dos; BURITI, Maria Marta dos Santos. A importância da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem de Geografia. **GeoUECE (online)**, Fortaleza, v. 9, n. 16, p. 181-194, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/article/view/3205>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SANTOS, Fabiana Moreira dos; AQUINO, Cláudia Maria Saboia de; SILVA, Helena Vanessa Maria; AQUINO, Renê Pedro. Geodiversidade e áreas de relevante interesse para o geoturismo em Monsenhor Gil, Piauí, Brasil. **Revista Geografia: publicações avulsas**, Teresina, v. 2, n. 1, p. 235-

252, jan./jun. 2020. Disponível em:
<https://comunicata.ufpi.br/index.php/geografia/article/view/10717>. Acesso em: 26 set. 2024.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: USP, 2021.

Artigo submetido em: 11/09/2024

Artigo aceito em: 16/10/2024

Artigo publicado em: 30/12/2024